

COLÓQUIO *BRACARA AVGVSTA ET ROMAE PVERITIA*, (BRAGA ROMANA, MUSEU D. DIOGO DE SOUSA, 18 DE MAIO DE 2019)

MARIA ALICE COSTA

PROFESSORA APOSENTADA DE PORTUGUÊS E LATIM NO ENSINO SECUNDÁRIO

alicefgc@gmail.com

orcid.org/0000-0001-7210-5336

HORÁCIO RAMOS

PROFESSOR DE PORTUGUÊS E LATIM NO ENSINO SECUNDÁRIO

MEMBRO DO CENTRO DE FORMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO CLENARDUS

horacioramos36@gmail.com

orcid.org/0000-0002-1903-226x

197

A Associação CLENARDVS, em parceria com a Câmara Municipal de Braga, a Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva e o Museu D. Diogo de Sousa, estabeleceram um protocolo com a finalidade de desenvolver actividades ligadas à cultura romana no território português, em particular na região do Minho. Tal como nas duas primeiras celebrações da Braga Romana, em 2017 e 2018, teve lugar, no dia 18 de Maio de 2019, no Auditório do Museu D. Diogo de Sousa, o III colóquio subordinado ao tema *Bracara Augusta et Romae Pueritia* com os apoios institucionais das entidades protocoladas e da Escola Secundária de Alberto Sampaio.

A infância na grande urbe de Roma, centro de uma verdadeira cultura global há dois mil anos, será muito diferente da vivência das

crianças de hoje? Por um lado, temos a sensação de uma sociedade culturalmente muito diferente, em que o nascimento, a vida e a morte eram acompanhados de gestos e de pensamentos assaz distantes dos nossos; por outro, a observação dos inúmeros testemunhos – de diversa natureza – que a Antiguidade Romana nos legou mostra-nos que a essência pueril não mudou significativamente.

Reflectir sobre como era ser menino no mundo romano foi o propósito do colóquio de 2019, que, reunindo um conjunto de estudiosos, nos deu a conhecer, nas suas múltiplas perspetivas, a vida da criança romana desde o nascimento à adolescência e passagem à idade adulta.

A sessão inaugural contou com breves alocuções por parte da Dr.^a Isabel Maria Cunha e Silva, Directora do Museu D. Diogo de Sousa, da Dr.^a Lúcia Brás Dias, Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Braga, e do Dr. Horácio Ramos, então Presidente da Associação CLENARDVS. Seguiram-se as comunicações de especialistas, professores universitários e arqueólogos, sobre o tema.

Esta edição contou com a participação do Doutor André Filipe Veloso Nunes Simões, do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que apresentou uma comunicação subordinada ao tema «A educação elementar em Roma: alunos, mestres e métodos.». Desenvolveu algumas questões relacionadas com a forma como se educava uma criança em Roma Antiga, quem eram os seus professores, como funcionava a escola, o que e como se aprendia.

O Doutor Ricardo Duarte, do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, apresentou o tema «Retratos da infância romana em *Factos e Ditos Memoráveis* de Valério Máximo.». A obra de Máximo desperta bastante interesse nos leitores do século XXI, não só pela sua originária matriz eminentemente prática, mas também pelo facto de nos franquear um quadro vivo da civilização romana nos seus mais variados aspectos, pintado com as muitas cores que dão vida às mais de mil histórias verídicas que Máximo reúne em nove livros.

É, pois, na prosa com que Máximo narra muitas dessas histórias que colhemos retratos da infância em Roma, indissociáveis de um sentido pedagógico e edificante claramente propugnado por Máximo.

A Mestre Maria Filomena Santos Barata, Técnica Superior do Museu Nacional de Arqueologia, discorreu sobre o tema «A iconografia da infância em Roma: actividades lúdicas.» Nesta apresentação, revivemos as actividades lúdicas em Roma Antiga, que acompanharam desde sempre os momentos de ócio do homem. Como é sabido, o mais antigo *puzzle* conhecido, o *Stomachion*, parece ter sido criado por Arquimedes (287 a.C. – 212 a.C.); no entanto, conhecem-se jogos de tabuleiro desde o Antigo Egipto. Na época romana, o jogo dos dados também era muito comum entre os latinos. Sabe-se, através da literatura e da arqueologia, que existiam múltiplas formas de ocupação lúdica das crianças, desde as simples bonecas aos jogos de tabuleiro e brincadeiras com aros, imitando as corridas de quadrigas.

A comunicação da Doutora Cristina Santos Pinheiro, da Universidade da Madeira, intitulou-se «*Nudus humi iacet infans* (Lucr. 5.223): a fragilidade do recém-nascido e os primeiros cuidados de puericultura nos textos de medicina dos séculos I-II d. C.». Foram apresentados textos relacionados com a medicina antiga como fonte essencial para a história da infância na Antiguidade, com descrições das características do recém-nascido, dos cuidados de que necessitava nos primeiros momentos de vida e das crenças relacionadas com o nascimento, que nos permitem identificar as preocupações que o parto suscitava, as acções realizadas para proteger a criança e a importância que se concedia a esta fase, no entendimento de que era determinante para o crescimento saudável do indivíduo. A comunicação teve por base os textos de Sorano de Éfeso, médico de origem grega que praticou medicina em Roma, nos principados de Trajano e de Adriano, as obras enciclopédicas de Celso e de Plínio e a obra médica de Galeno, que foi, durante séculos, a base do ensino e da prática de medicina.

O Doutor Amílcar Manuel Ribeiro Guerra, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, apresentou o tema «*Suavissimo infanti*. Uma perspectiva epigráfica sobre a infância na Hispânia romana.» As inscrições latinas, na sua grande diversidade, proporcionam informação sobre muitos dos aspectos da vida das pessoas. Não de anónimos, mas de gente que se identifica, que vive alegrias e tristezas, que exprime, ainda que muitas vezes de forma estereotipada, os seus sentimentos. Apresentaram-se alguns documentos que permitiram compreender a forma como se encarava a infância na Hispânia romana, com especial relevo para o desgosto dos familiares pela perda de uma criança.

200

A Doutora Nereida Gloria Villagra Hidalgo, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FCT Postdoctoral researcher), brindou-nos com uma comunicação sobre «Os nascimentos na mitologia clássica: nascer de um ou de dois.» Na mitologia clássica, a infância é um período da vida mal representado. Nas tradições em que aparecem, as crianças não costumam ter um papel activo, pois são figuras passivas e sem agência. No entanto, encontramos na mitologia múltiplos exemplos de narrativas onde deuses ou heróis têm nascimentos anómalos; por exemplo, Atena, que nasce de um homem, ou Erecteu, que nasce da terra. Estes nascimentos não são só histórias de eventos fantásticos e espantosos, mas narrativas que contribuem para a compreensão da ideologia subjacente à cultura a que pertencem.

A Doutora Paula Barata Dias, do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, apresentou a comunicação «Ser criança na Roma cristã. A condição da infância na Roma da Antiguidade Tardia.» Com o imperador Constantino, um império romano cristianizado vai, progressivamente, alterando costumes e práticas sociais, conformando-as com o novo modelo religioso. Como esta transformação é lenta, a intervenção legislativa reforça o novo modelo social em que se revê. Esta participação permitiu-nos observar o modo como as leis romanas da

época tardia alteraram a condição da infância, pondo fim e limitando severamente práticas como o infanticídio, a exposição e a venda de crianças.

O Doutor Pedro Braga Falcão, da Universidade Católica de Lisboa, fez a sua comunicação intitulada «*Vos, o pueri et puellae: o distante mundo de um poeta romano*». Partindo da obra de Horácio, discutiu uma possível ideia de infância nos versos do poeta, tendo como ponto de partida o uso de palavras como *puer, puella* e *infans*. Este foi o mote para uma reflexão um pouco mais abrangente sobre a forma como o mundo contemporâneo olha para o passado, e como esse olhar é condicionado pela própria forma como se interpela a antiguidade clássica e o que esta nos provoca.

As diferentes comunicações foram seguidas de espaço para debate, permitindo ao público interagir com os oradores, questionando-os ou solicitando esclarecimentos.

O colóquio incluiu, também, alguns momentos lúdicos, como a actuação do Grupo Coral da AESAS, que apresentou *Quando conveniunt*, de Carl Orff, *Panis Angelicus*, de César Franck, e *Carmina Burana - O Fortuna*, de Carl Orff; a representação da peça *TITVS... ET DIERVVM COMPVTATIO* (Titus... e a conta dos dias), pela Confederação. Titus, um menino que vive em Bracara Augusta, atravessa um dia agitado na companhia de seu primo Octávio, regressado de uma longa viagem. Tendo por base gráfica o universo criado por César Figueiredo para o livro *Titus e os Legionários*, o espectador parte à descoberta de Bracara Augusta, conduzido pelas questões fundamentais que o pequeno Titus e Tethus, seu companheiro, colocam; e a encenação *DIES LVSTRICVS* (baptizado romano), pela Equipa Espiral. Após o nascimento, a criança era sujeita à aprovação do *pater familias* que, ao pegar nele (*tollere filium*), manifestava a sua aceitação. Uma vez aceite, somente passados oito dias para as raparigas e nove para os rapazes, ocorria o *Dies Lustricus*, cerimónia de purificação, com a dádiva do seu nome e o da respectiva família, para apresentação à sociedade.

Das ofertas feitas neste dia, destacava-se a *bull*, que acompanhava a criança até à imposição da toga viril, no caso dos rapazes, e ao dia do casamento, no caso das raparigas.

O encerramento esteve a cargo do Dr. Ricardo Rio, Presidente da Câmara Municipal de Braga, e do Dr. Horácio Ramos, então Presidente da Associação CLENARDVS.